

Editorial

Desde seu nascimento, no final o século XIX, a Ciência da Religião tem experimentado uma ampliação bastante significativa dos objetos materiais de sua análise. Ainda que já em seu início houvesse o reconhecimento da vastidão de campos a serem analisados, havia predileção de alguns em detrimento de outros. Cornelis Tiele, por exemplo, expressa certa preferência pela doutrina, mitologia e poesia como âmbitos privilegiados para a compreensão da religião. Aqui estariam elementos fundamentais por articularem o sentido das demais áreas da religião. Segundo argumenta, caso se observe apenas os rituais, eles não ensinam nada sobre a religião, a não ser que previamente se saiba sobre seu significado. Esse significado é dado justamente pelos mitos e doutrinas. Portanto, *“As concepções míticas ou dogmáticas, expressas simbolicamente ou filosoficamente, devem ser a fonte do nosso conhecimento desse espírito religioso que é a verdadeira essência da religião”*¹

Pouco a pouco foram sendo reconhecidos os méritos das produções artísticas. Desse modo, em 1932, Van der Leeuw publica *Beleza sacra e o profana. O sagrado na arte*. Apesar da amplitude expressões artísticas que contempla (dança, música, artes, etc.), o cinema ou demais expressões visuais características do século XX ainda não entravam no escopo de sua análise. Talvez ainda houvesse demasiada desconfiança da pertinência dessas formas de expressão. Mas, de todo o modo, nas últimas décadas do século XX, observa-se interesse crescente pelo estudo da cultura visual. Se inicialmente, o cinema se mostrou como ponto de articulação para a análise da religião, de maneira alguma esses estudos se mantiveram restritos a essa produção artística. Hq's, capas de discos, gravuras, ilustrações, esculturas, vídeo clips, etc. são apenas alguns exemplos das inúmeras possibilidades que se abrem para os estudiosos da religião. Essa atenção ao tema também se deve ao reconhecimento da importância da cultura visual para a sociedade tardo moderna. A todo o momento consumimos imagens que, de alguma maneira, também contribuem fortemente para nossa visão de mundo.

Nessa direção, esse dossiê da *Numen* busca dar expressão a essa ampliação. Isso em dois sentidos. Em primeiro lugar, os vários artigos aqui reunidos têm em comum o interesse pela cultura visual. No entanto, é notável a variedade de metodologias, aproximações e objetos materiais. Isso indica a riqueza do que já vem sendo produzido no Brasil. Em segundo lugar, esse número também intenciona despertar o interesse pela cultura visual como objeto de análise. Do clássico ao popular, das belas artes aos Memes, as imagens circulam intensamente na cultura contemporânea e plasam muito do modo como percebemos e interpretamos a realidade. Nesse sentido, é importante e urgente a atenção por parte de cientistas da religião à cultura visual.

¹TIELE, C. P. *Elements of the Science of Religion*. Vol. I, London: William Blackwood and Sons, 1897, p.27.

A importância das representações visuais pode ser constada por sua presença em tradições religiosas que, por razões históricas, sociais e teológicas foram tidas como iconoclastas. O protestantismo, por exemplo, é concebido por muitos como a religião que privilegia o livro, como se isso implicasse numa anulação ou ausência do uso imagético. O artigo de Helmut Renders nos leva a reconsiderar esse entendimento usual. Em sua perspectiva, não somente é possível encontrar uma cultura visual, como se faz necessário um trabalho de periodização, capaz de captar alguns movimentos que animam esse uso das imagens.

Seguindo nessa mesma perspectiva, o artigo de Allan Macedo de Novaes explora uma cultura visual adventista. O autor mostra como há íntima ligação do uso de imagens por parte dos adventistas no século XIX a partir da influência de certos movimentos norte americanos de reavivamento, com fortes contornos milenaristas. Essa intersecção acaba gerando uma articulação bastante peculiar e instigante entre imagem e texto.

Para além do protestantismo, mas ainda no âmbito da tradição cristã, a igreja católica desde há muito reconhece a importância da cultura visual, fazendo profícuo uso das imagens religiosas através dos séculos. Não poderia ser diferente na época da internet. Bonnie Moraes Manhães de Azevedo e Raphael da Silva Ferreira exploram justamente a inserção desta instituição religiosa milenar no contexto atual. Eles o fazem de um modo não tão usual. São muito comuns os estudos sobre como os fiéis lidam e articulam sentidos a partir do contato com as diversas mensagens religiosas. No caso deste artigo, a ênfase recai no estudo sobre os posicionamentos institucionais sobre o uso da das novas tecnologias, auxiliando a iluminar esse complexo tema.

A telenovela, especialmente no contexto brasileiro, assume grande importância para se pensar a religião. Por atingir público amplo, ela acaba sendo moldada ao mesmo tempo em que modela compreensões sobre as religiões. No artigo de Marcos Vinicius Meigre e Silva, mostra-se, por meio da análise de elementos estéticos e das técnicas televisivas, como o espiritismo foi tratado por três produções da Tv Globo dos últimos 20 anos: *A Viagem* (1994), *Alma Gêmea* (2005) e *Além do Tempo* (2015). O artigo indica tanto aspectos compartilhado por elas, como reconhecendo especificidades no modo como cada qual aborda o espiritismo.

A arte, enquanto tema de análise, pode também servir de caminho para a compreensão das vivências religiosas. Isso porque um, de seus vários papéis, é justamente dar expressão a certas tramas culturais e sociais. Nessa direção, o texto de Maria Roseli Sousa Santos, Lidia da Costa Valle e Willa da Silva Prazeres se debruça sobre a arte céltica buscando desvelar o estreito vínculo que se estabeleceu entre sua produção e a espiritualidade. Portanto, para uma compreensão mais efetiva dessa arte não se pode desvincular religião e cultura, mas os artefatos devem ser compreendidos nas suas negociações com a experiência religiosa. Nessa abordagem, ambos saem enriquecidos.

Passado para o cinema, o artigo *Teologia em movimento* explora as diversas nuances do movimento. Grupos religiosos, o cinema e os filmes são movimentos. A

partir da instigante noção de religião vivida, que ainda tem muito a ser explorada, o texto busca mostrar como os filmes podem mudar nosso olhar em relação ao outro e a nós mesmos. Eles, portanto, não somente são expressão de um dado contexto, mas são capazes de alterar nosso modo de perceber a realidade em nosso entorno. Para ancorar bem essa percepção, o artigo analisa dois filmes de Walter Salles: *Central do Brasil* e *Diários de Motocicleta*.

E a relação de Walter Salles com a temática religiosa parece não se esgotar nesses dois *road* filmes. Prova disso é o texto de Maiara R. Miguel que analisa o bellissimo *Abril despedaçado*. A partir da análise de elementos próprios da linguagem cinematográfica em articulação com símbolos religiosos evocados pela trama, a autora busca mostrar como a linguagem visual do cinema exibe de modo concreto certos impulsos humanos. Neste caso, tomando-se R. Girard como aporte teórico, verifica-se como o filme desvela o ciclo de vingança e seu rompimento.

O artigo seguinte analisa um cineasta que reconhecidamente lida com a temática religiosa: Terrence Malick. Para tanto, Sander Cruz Castelo propõe-se analisar seu último filme *De canção em canção* (2017). Um dos méritos dessa análise é considerar a proposta interpretativa do cinema transcendental, tal como proposta pelo clássico livro de Paul Schrader. Essa perspectiva, apesar de se mostrar muito frutífera, tem sido subutilizada no Brasil. O artigo é uma evidência dessa contribuição. Partindo dessa perspectiva, o texto explora por meio da análise de três tipos de montagens (narrativa, discursiva e de correspondência) os efeitos de sagrado que o filme cria.

O assim chamado cinema de arte também oferece importante material para se pensar a religião. Frederico Pieper, ao analisar o filme *Teorema* de Pasolini intenta mostrar como a linguagem cinematográfica pode ser uma fonte para se pensar teorias da religião. Por meio das vivências concretas dos personagens são evidenciadas tramas e dramas humanos. Nesse caso, contrariando a percepção usual de que a religião é sempre fundação de mundo e sentido, o artigo explora como, para Pasolini, uma autêntica experiência religiosa é subversiva dos sentidos e do mundo constituídos.

O cinema nos indica que o sagrado não somente é subversivo, mas também erótico. Talvez seja uma coisa porque também é outra. De todo modo, por meio da análise do polêmico filme do aclamado Jean-Luc Godard *Je vous salue Marie*, Leyla Thays Brito da Silva explora a dimensão da sexualidade como fundante para se entender todas as modalidades de amor, inclusive aquela que tradicionalmente foi alijada do seu teor erótico: a relação com o divino. Ela nos indica como a linguagem fílmica explora essas importantes dimensões para a compreensão da religião.

No Brasil, a abordagem da cultura visual sempre esteve muito próxima da literatura. Isso aparece nos dois últimos artigos desse dossiê. Explorando contribuições teóricas para se pensar a relação entre cultura visual e religião, Suelma Moraes propõe uma análise instigante da obra *Xenogenesis* ou *Lilith's Brood* da autora afro-americana Octavia Estelle Butler. Recorrendo às contribuições metodológicas da tradução

intersemiótica, o artigo se concentra na personagem Lilith, reconhecendo nela um arcabouço simbólico cultural. Nesse sentido, há intenso diálogo da personagem de Butler com a figura mitológica de Lilith presente no cristianismo.

Carlos Caldas revela a riqueza de possibilidades da cultura visual ao tratar de uma produção da cultura Pop. Em seu artigo, Carlos Caldas nos oferece uma análise do HQ *Demolidor: diabo da guarda*. Dessa perspectiva, cabe entender que o diálogo entre teologia (e estudos de religião em geral) com a literatura deve se ampliar para abarcar também essa produção de grande circulação. Em suas instigantes considerações, o autor busca evidenciar os elementos religiosos presentes nessa produção da Marvel.

Por fim, cumpre registrar nossos agradecimentos ao Prof. Dr. Dilip Loundo, que durante os últimos anos esteve à frente da Numen como editor chefe. A partir desse número, assume essa função o Prof. Dr. Humberto Quaglio.

Com votos de proveitosa leitura,

Prof. Dr. Frederico Pieper (Editor do número)
Prof. Dr. Helmut Renders (Editor do número)
Prof. Dr. Humberto Quaglio (Editor da revista)